



A FUNÇÃO DOCENTE NA RELAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA E APRENDIZAGEM INFANTIL

CAMARGO, Maria Aparecida Santana de¹; GOLLE, Graciela Fiuza²; LINCK, Ieda Márcia Donati³; STEIGLEDER, Vanessa, Neubauer⁴;

Palavras-chaves: Educador. Autoestima. Construção. Aprendizagem.

Introdução

Pensar em elevação da autoestima é pensar na função docente. Isso porque desde que toma conhecimento sobre sua existência, a criança começa a estabelecer uma imagem de si própria, ou seja, a construir sua autoestima, ou seja, a definir a opinião e o sentimento que tem por si mesma, sendo capaz de respeitar, confiar e gostar de si. Esse processo não ocorre de forma individual, se dá também em função de como as outras pessoas a tratam e continua na escola. Assim, o professor pode alimentar ou destruir a autoconfiança da criança, o que geralmente está relacionado a falsos valores e na crença que é necessária aprovação da mãe ou do pai, que ela tem internalizada. Na escola, será a noção que o aluno tem sobre a aceitação do professor.

A autoestima, é obvio demais, não se circunscreve a equipamentos neurais, características biológicas ou padrões materiais de que se cerca o crescimento, mas à educação que se ministra. Por isso, a importância de discutirmos sobre este tema, uma vez que há uma relação direta entre a autoestima e a aprendizagem escolar. Como educadores temos de saber reconhecer até que ponto isso pode prejudicar o aprendizado do aluno.

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pesquisadora Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Humanos e Pedagógicos (GPEHP) da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Docente integrante do PPG Stricto Sensu em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado – da Unicruz. E-mail: cidascamargo@gmail.com

² Mestra em Ensino de Física pela FURG. Licenciada em Física UNIJUI. Professora de Física da Unicruz. Professora da Rede Estadual de Ensino e da EJA. E-mail: gracifiuza@yahoo.com.br

³ Doutora em Linguística pela UFSM, RS e Aveiro/Portugal. Mestre em Linguística pela UPF. Mestre em Educação pela Uninorte/ PY. Graduada em Letras/Unicruz. Pesquisadora do GEL e NEPPS/Unicruz.. Coordenadora Proenem/Unicruz. Email: imdlinck@unicruz.edu.br

⁴ Doutora em Filosofia pela UNISINOS/RS. Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí/RS. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Especialista pela Unicruz/RS, em Mídias na Educação pela UFSM/RS. Graduada em Dança pela Unicruz/RS. Docente Universidade de Cruz Alta. E-mail: borbova@gmail.com



Questões metodológicas: A valoração de si e o valor da vida

Convém confirmar isso com Antunes (2002, p.89):

Refere-se a autoestima ao valor que atribuímos a nós mesmos, ao conceito que temos sobre nossas limitações e potencialidades. A baixa-estima é um dos principais problemas médicos, posto que se insinua como o mais importante fator no desenvolvimento de patologias psicológicas e é, sem dúvida, um dos maiores problemas educacionais(...) aluno com baixa-estima não aprende, estudante que não evolui.

Para o mesmo autor, a questão da autoestima melhora se enfatizarmos aos alunos que ninguém é bom em tudo, que somos humanos e, portanto, imperfeitos; cada um é bom em alguma coisa e faz alguma coisa melhor ou pior que os demais. Assim sendo, deve ser convencido que cada um deve aceitar-se como é; por exemplo, se uma criança não se considera boa numa área, deve ser direcionada para outra em que possa se destacar. Vale ressaltar Sucesso (2004, p. 69):

O conceito de auto aceitação não se confunde com a busca de aprovação do outro. Aceitar-se é acolher-se, é admitir que se é de uma determinada forma e compreender as consequências das características dominantes na relação com o outro (...) Quando aceitamos as nossas características e admitimos a realidade sobre nós mesmos, entendemos que nem sempre nos comportamos de forma lógica. Mas, escolhido um caminho, lidaremos com suas consequências.

Na escola, desenvolver esse sentimento é resultado de uma ação específica do professor. Propor, em aula, trabalhos que levem em consideração o que o educando sabe, o que ele gosta, valorizar as informações trazidas de casa e ensinar com base nesses conhecimentos são caminhos para fazer com que o ensino ganhe sentido. Ao perceber-se sabedor e que não é só o professor que detém todo o saber, o estudante certamente terá sua autoestima elevada.

O escritor Içami Tiba (2002) escreve que para a criança sentir-se amada incondicionalmente, é necessário, acima de tudo, que seja respeitada. E, que a autoestima é a principal base para encontrar um bom lugar no mundo. É função dos adultos mostrarem isso, sejam eles pais ou professores. Ressalta ele:

Se uma criança é aprovada porque os pais contrataram um professor particular, o mérito da aprovação é dos pais. O filho pode até sentir prazer por ter sido aprovado, mas no fundo sabe que o mérito não foi todo seu. Isso diminui sua autoestima (TIBA, 2002, p.57).

Nesse sentido, é preciso oportunizar situações em que o aluno se sinta capaz, pois quando a criança tem êxito no que faz, começa a confiar em suas capacidades. E, quanto mais



acredita que pode fazer, mais consegue. É importante, então, ensinar à criança que ela pode fazer algumas coisas bem, e que é normal ter problemas com outras coisas. Ela deve estar ciente de que esperamos que ela faça o melhor que puder, sem medo de errar.

Apresentando alguns resultados: a construção da autoestima como processo

No artigo *Construindo a Autoestima*, Don A. Blackerby pondera que muitos dos estudantes jamais foram ensinados “como aprender” e “como fazer” as inúmeras tarefas acadêmicas exigidas pela escola. É sabido que, às vezes, eles não fazem as tarefas muito bem, e suas notas sofrem. E o mesmo acontece com sua autoimagem e autoestima. Eles tendem a levar isso para o lado pessoal e presumem que há algo de errado consigo mesmo, porque não conseguem cumprir suas tarefas. Assim, mesmo depois de ensiná-los como aprender, ainda é necessário encontrar maneiras de reconstruir sua autoestima.

Pensar a elevação da autoestima requer estudo, paciência, disposição e vontade por parte do professor. Este precisa e deve conhecer bem seus alunos, deve também descobrir e estimular as suas potencialidades. As crianças também devem ter o direito de falar de si mesmas e do mundo que as cercam; todos têm uma contribuição a dar e se sentirão valorizados ao constatar que foi dada importância às suas palavras, ao seu texto seja verbal ou não verbal. A nota deve ficar em segundo plano, ou seja, aquilo que antes servia apenas como forma de avaliação (muitas vezes punitiva) passa a ser um suporte à elevação da autoestima dos envolvidos; sempre há algo positivo a ser apontado.

Por isso, o professor deve ter cuidado na hora de avaliar o seu aluno. Como profissional sério e ético, ele não deve rotular e nem desestimular ninguém; deve valorizar o sucesso, principalmente daquele que tentou, mesmo que acertou somente uma parte do que foi pedido. Aliás, conforme Freire (1997), todos aprendem, mesmo que em tempo, lugar, e forma diferentes.

Outro aspecto importante é o ambiente escolar, o qual deve ser percebido como um espaço em que todos aprendam, numa relação dialética de verdades em construção. E, por fim, estimular a criatividade e incentivar o aluno a aprender sempre mais é um bom começo.

Segundo Antunes (2002), todo educador consciente sabe que alunos erram ou acertam, cumprem ou descumprem e para isso necessitam ser notificados, mas pessoas amam, sofrem, esperam, anseiam, alegram-se, emocionam-se e esses sentimentos necessitam de percepção e condução equilibrada.



Considerações finais

A importância da autoestima é aspecto considerável entre aprender ou não aprender, pois, por ela o sujeito se identifica com o seu “eu interior” e com as pessoas com as quais se relaciona. Assim, para a contribuição da formação da autoestima é importante que a ação do professor seja positiva. Nessa ciência, vale pensar nosso espaço de atuação escolar e a nossa forma de agir como al. É preciso ter cuidado ao criticar, não se deve culpar, rejeitar, humilhar, frustrar ou expor o aluno. Ao contrário, pode-se contribuir com incentivos que o levam a se conhecer, a se gostar, a perceber suas qualidades e a acreditar que é amado e respeitado.

Se conseguirmos isso, o aluno terá sua autoestima elevada e desenvolverá um bom trabalho em sala de aula, e, conseqüentemente, terá sucesso na aprendizagem proposta. É preciso, portanto, estabelecer metas realistas e adequadas a sua idade. Além disso, dar-lhe oportunidade de desenvolver-se sem pressioná-lo, nem o comparar com outras crianças, até porque suas fortalezas e deficiências são ímpares e únicas. Assim, ele formará um conceito positivo de si mesmo.

Referências

- ANTAS, Gabriela Cabral da Silva. "Autoestima"; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/autoestima.htm>>. Acesso em 19 de abril de 2018.
- ANTUNES, Celso. **A invenção da Sala de Aula**. São Paulo. Moderna. 1º edição. 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- TIBA, Içami. **Quem ama, educa!**. Coleção Integração Relacional. Editora Gente. 2002.p. 302.
- SUCESSO, Edina Bom. **Auto-estima e felicidade**. 2004. Editora Qualitymark. p.140.